

01 FEV 1992

Sábado, 1-2-92

# PROBLEMAS DO MERCADO BRASILEIRO-II

D. S.

O Estado deve manter diálogo com as lideranças empresariais e trabalhistas, para efeito de unificar critérios econômicos no combate à inflação. Para isso, deve-se pensar na valorização do ser humano em primeiro lugar, continuar conversando com todos os setores da economia para elaborar um plano de interesse nacional, descartando qualquer pedido de sacrifício aos mais necessitados. Deste ponto de vista, precisa-se analisar: até agora, o poder de compra dos assalariados vem diminuindo, pois quando o salário é corrigido, sempre fica defasado. O conselho oficial do "compre menos, para baixar a inflação", em economia não tem validade e seu resultado é completamente negativo. O baixo consumo provoca recessão e os preços aumentam, já que as indústrias com capacidade ociosa param de ser competitivas, gerando problemas sociais com a redução de pessoal. Neste caso, eu faria tudo diferente do que está aí.

1) Recessão: é preciso derrubá-la aumentando a produção, para os preços descerem, incentivando o consumo.

2) Não é preciso congelamento: liberdade de preços total, vigiada por um Fórum Econômico, integrado por representantes oficiais, empresários e trabalhistas, indicados pelos respectivos sindicatos. As referências dos preços internos deveriam ser fundamentadas nos valores internacionais, com acréscimo de até 80%, no bruto. O esquema acabaria com o abuso fiscal de altos impostos;

com a indústria incompetente, e com os lucros abusivos. Portanto, para os preços que geram inflação, a solução é a abertura da importação, livre de encargos alfandegários. Rapidamente a inflação seria de um dígito.

3) Para estabelecer uma política salarial saudável, dever-se-ia partir de salário mínimo de US\$ 120, ou seja Cr. 150.000. O restante dos assalariados teria ajuste acompanhando o índice de inflação, após 60 dias de implantada a nova modalidade. O aumento do salário mínimo ajudaria a elevar a capacidade de compra dos mais necessitados, possibilitando a redução dos preços em todos os casos.

4) A reativação do mercado virá com a aceleração do poder de compra dos assalariados, e as indústrias e o comércio voltarão a funcionar com mais agilidade, procurando a sua colocação num patamar diferente. A atual falta de vendas, a responsabilidade de atender gastos fixos, os juros elevados colocam o empresário em situação difícil. E o drama explode com as demissões.

5) O problema dos juros altos é consequência da inflação. Sem atacar a recessão, nada positivo acontecerá com a ciranda financeira, que se acomoda junto ao termômetro dos altos percentuais em que se desvaloriza a moeda.

Não adianta o conselho paternal que incentiva a comprar menos para reduzir a inflação. Tremenda mentira, funciona pela falta de dinheiro no bolso do consumidor pobre, que compra menos porque ganha pouco, quando trabalha. E os desempregados, perambulando ou em longas filas, onde aparece anúncio para preencher alguma vaga?

É justo ver tanta miséria neste país preparado para ser rico? Preparado porque tem de tudo: riquezas naturais, terras que não acabam mais, mão de obra barata, que precisa ser atualizada; 150 milhões de brasileiros aguardando, esperançosos, um futuro melhor; e empresários lutadores.

Virando a mesa, reativando o mercado com medidas concretas e sérias, teremos oportunidade de reduzir a inflação e, em consequência, derrubar os juros altos.

Falando claro, penso que o sofrido brasileiro está acordando; empresários e trabalhadores, inconformados, procuram uma saída normal, mas se não der certo, no desespero, o povo pode se revoltar. Preparem-se para evitar a "rebelião das massas".

D.S. é economista e empresário

